

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM CONTATO COM A MORTE

LARISSA MENEZES LOPES QUINTANA¹; JULIANA DUARTE²; TAGLINE SOUZA RUTZ³; KARINE SZUCHMAN⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – larissamenezeslq@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – julianardt@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – taglinerutz@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – karineszuchman@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este presente relato tem como tema a minha experiência, como uma estudante de psicologia em contato com a morte de pacientes, em estágio curricular realizado em um hospital geral.

No contexto hospitalar a morte é um acontecimento que se faz bastante presente, portanto, exige uma atenção especial, principalmente dos profissionais da psicologia, tanto na atuação com os pacientes, quanto com seus familiares e com a equipe de saúde.

Nós, da área da psicologia, assim como todos demais sujeitos, estamos inseridos em uma cultura que evita falar sobre a morte. Essa negação está presente tanto na vida pessoal, quanto acadêmica, sendo notada nessa última uma deficiência de conteúdos relacionados à finitude em alguns cursos de psicologia, o que gera uma sensação de despreparo diante do assunto (JUNQUEIRA; KOVÁCS, 2008; CARNICHELI; CASARIN, 2018).

Para Dantas, Sá e Carretero (2009), que tomaram como base os pensamentos de Heidegger, assim como a morte e a consciência da mesma são próprias da existência humana, a tendência para evitar o contato com a finitude também o é. Essa esquiva manifesta-se através do tratamento impessoal para com a pessoa que está morrendo, da negação do acontecimento, ou, ainda, das tentativas de prolongar a vida a todo custo.

Esse desvio do contato com a finitude pode ser visto em profissionais da área da saúde, através da tentativa de agir de forma considerada “fria”, quando vivenciam situações relacionadas à morte de pacientes (PEREIRA; LOPES, 2014).

O fato de ser psicólogo não torna o contato com a morte uma experiência mais fácil de ser vivenciada, principalmente quando se fala daqueles pacientes com os quais há um vínculo estabelecido, uma vez que, de acordo com os pensamentos de Buber, em um encontro entre dois indivíduos, mesmo esse encontro tendo se dado em psicoterapia, ambos saem afetados (BUBER, 1923 apud LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010).

Portanto, este relato tem como objetivo falar sobre as vivências relacionadas à finitude ao longo do estágio, assim como abrir um espaço para discussão do assunto dentro do curso de psicologia e da academia de forma geral.

2. METODOLOGIA

O relato será feito com base nos atendimentos psicológicos que realizei ao longo do estágio, entre setembro de 2018 e junho de 2019, nos leitos do SUS, de um hospital geral.

As solicitações foram feitas tanto por demanda pessoal quanto por encaminhamento da equipe. Os atendimentos foram realizados com os pacientes internados e, em alguns casos, com seus familiares, de forma pontual, com duração e frequência variadas, dependendo da necessidade de quem estava sendo atendido.

Também realizei uma revisão bibliográfica narrativa, a fim de ter o suporte teórico necessário, tanto para a realização dos atendimentos, quanto para a complementação da discussão neste presente relato.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estágio proporcionou encontros que geraram dúvidas e abriram espaço para esta discussão. Dois, em especial, marcaram-me muito. Duas mulheres, jovens, ambas com câncer. Uma delas estava fora de possibilidade de cura e foi mantida em “medidas de conforto”, pois o hospital não possui um serviço de cuidados paliativos. A outra estava relativamente bem, apesar de sentir dor, e a equipe ainda procurava formas de ajudá-la a curar a doença. Ambas morreram após alguns atendimentos, e geraram observações, sentimentos e reflexões sobre a morte.

Um dos pontos observados foi o despreparo que senti, no papel de estagiária de psicologia, para enfrentar o assunto, principalmente por ser um tema que não é muito discutido. Essa insegurança foi percebida também por Junqueira e Kovács (2008), através de uma pesquisa realizada com alunos de psicologia, que relataram a falta de preparação no curso para lidar com a situação. Outro estudo realizado por Carnichelli e Casarin (2018), mostrou que grande parte dos estudantes de psicologia entrevistados não se sentiam prontos para lidar com os próprios sentimentos diante do assunto.

De acordo com Kovács (2005), existe uma conspiração do silêncio, na qual as pessoas, incluindo os profissionais da saúde, evitam falar sobre a morte, e não sabem como fazê-lo quando há uma situação de perda. Essa conspiração pode ser percebida dentro dos hospitais, sendo realizada por profissionais e familiares, assim como na universidade, onde não há disciplinas específicas sobre o assunto.

Senti-me, principalmente no início do estágio, cúmplice dessa conspiração, penso que pela dificuldade de lidar com o assunto, bem como pelo despreparo e falta de informação. O fato de ser profissional da psicologia não evita a participação nessa conspiração, e devido a isso há a necessidade de permanecer atenta aos sentimentos que vêm com essa experiência, e às dificuldades próprias dessa prática, sabendo diferenciar o que é nosso, o que é do mundo e o que é do outro.

Através da redução fenomenológica pode-se fazer a tentativa de deixar de lado a forma como o mundo age e vê a morte, para tentar ver e viver a experiência do paciente com ela. Essa suspensão não se dá através da negação dessas implicações, uma vez que somos constantemente afetados pelo mundo e o afetamos também, mas sim através de um olhar diferente, suspendendo os julgamentos e preconceitos em relação ao assunto, entretanto sem esquecê-los, e tornando-se presente na relação com o outro (MOREIRA; TORRES, 2013)

Também foi percebida a necessidade de buscar estudar o luto, pois este pode se iniciar não apenas pelos familiares no momento da morte, mas também

pelo paciente ao longo da vivência da doença, devido à perda da saúde e da vida que levava anteriormente à hospitalização. (KUBLER-ROSS, 1985)

Outro ponto observado foram os sentimentos que surgiram nos profissionais da área da saúde frente à morte de pacientes. Esses profissionais podem apresentar sentimentos de culpa, importânciia e angústia frente à morte, bem como sofrer emocionalmente diante de pacientes com um diagnóstico de câncer em um estágio mais avançado, por exemplo. (MOCELIN et al., 2014; SILVA, 2009). Tais sentimentos, no entanto, não estão restritos a profissionais. Um estudo realizado com estudantes de psicologia mostrou que os alunos do curso experimentam sentimentos de insegurança, tristeza, incompreensão e medo frente ao assunto (CARNICHELI; CASARIN, 2018).

Ao longo da experiência de estágio vivenciei os sentimentos de angústia, tristeza, impotência e insegurança. Entretanto, não senti culpa, uma vez que não há uma expectativa em cima de uma estagiária de psicologia em relação à cura de sofrimento físico, a qual recai sobre médicos e enfermeiros. (SILVA, 2009)

Por fim, pode-se salientar o papel do psicólogo como alguém que vai promover um lugar acolhedor de escuta, para que se possa falar sobre o assunto de forma aberta, assim como dar apoio à ressignificação e/ou minimização do sofrimento emocional nesse momento de fragilidade. (CARNICHELI; CASARIN, 2018)

4. CONCLUSÕES

A partir do que foi vivido, observado e estudado, pode-se ressaltar a importância de pensar e falar sobre a morte, nos mais diversos espaços, especialmente em ambientes acadêmicos e de atenção à saúde.

É importante lembrar-se da necessidade de realizar psicoterapia, quando possível, para ajudar a pensar a morte e lidar com as situações que surgem no dia-a-dia do trabalho, assim como levar essas questões para a supervisão acadêmica, e discuti-las de forma aberta, falando não apenas sobre as situações vividas, mas também dos sentimentos e percepções que surgiram com elas.

Por não haver muita possibilidade de estudo da morte durante a formação obrigatória acadêmica, torna-se necessária a busca pessoal por material complementar, pois há na literatura estudos importantes sobre o assunto, principalmente para quem interessa-se pela área da saúde.

É importante lembrar que os alunos também são responsáveis pela própria formação, portanto podem propor que se fale mais sobre o tema, assim como trocar experiências com os colegas, o que enriquece o aprendizado. Nesse sentido, busquei bibliografias sobre o assunto para ler e levar às supervisões, e discuti-las com a professora e colegas.

Entender as dificuldades pessoais relacionadas à morte pode ajudar a enxergar nossos limites, aumentando nossa consciência sobre nossa prática ao longo da atuação profissional.

Para concluir, vale ressaltar que o estudo e a prática não nos livram do sofrimento que vem com a morte de alguém, mas nos ajudam a compreendê-la melhor e estar disponível para exercer o papel de psicóloga.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNICHELI, E. K. R. N.; CASARIN, R. G.. O acadêmico de psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**. Ariquemes: FAEMA, v. 9, n. 1, jan./jun., 2018.

- DANTAS, J. B.; SA, R. N.; CARRETEIRO, T. C.. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-9, ago. 2009.
- JUNQUEIRA, M. H. R.; KOVACS, M. J.. Alunos de Psicologia e a educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 506-519, 2008.
- KOVACS, M. J.. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1985.
- LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M.. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-82, Mar. 2010.
- MOCELIN, D., MOSCHEN, A., MAH, A. C., OLIVEIRA, L. A.. Processos psicológicos dos profissionais da saúde perante a morte de um paciente. **Revista de Ciências da Saúde**. Rio Grande, v. 26, p. 11-20, 2014.
- MOREIRA, V.; TORRES, R.B.. Empatia e redução fenomenológica: possível contribuição ao pensamento de Rogers. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p. 181-197, 2013.
- PEREIRA, C. P.; LOPES, S. R. A.. O processo do morrer inserido no cotidiano de profissionais da saúde em Unidades de Terapia Intensiva. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 49-61, dez. 2014.
- SILVA, L. C.. O sofrimento psicológico dos profissionais de saúde na atenção ao paciente de câncer. **Psicología para América Latina**, México, n. 16, jun. 2009.